

Iniciativas de desenvolvimento local em meio rural



# À DESCOBERTA DO MUNDO RURAL

**GUIA DE BOAS PRÁTICAS**

**O PROJETO “À DESCOBERTA DO MUNDO RURAL” (ADMR) FOI IDEALIZADO E DESENVOLVIDO ATRAVÉS DE UMA PARCERIA ENTRE O ICE - INSTITUTO DAS COMUNIDADES EDUCATIVAS E A ANIMAR - ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL, UMA INICIATIVA COMUNITÁRIA COFINANCIADA PELO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, MAR, AMBIENTE E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E PELO FUNDO EUROPEU AGRÍCOLA PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL (FEADER), ATRAVÉS DO PROGRAMA PARA A REDE RURAL NACIONAL (PRRN).**

## FICHA TÉCNICA

### TÍTULO//

À Descoberta do Mundo Rural -  
Guia de Boas Práticas

### AUTORES//

ICE  
Instituto das  
Comunidades Educativas  
tel.: +351 265 783 006  
alternativa.ice@gmail.com  
www.iceweb.org

### ANIMAR

Associação Portuguesa para  
o Desenvolvimento Local  
tel.: +351 219 527 450  
animar@animar-dl.pt  
www.animar-dl.pt

### COORDENAÇÃO//

Fernando Ilídio Ferreira

### COLABORAÇÃO//

Fátima Ferreirinha  
Isadora Oliveira  
Joana Lúcio  
Orlando Freitas  
Raquel Gonçalves

### GRAFISMO//

P-átricia Ribeiro

ISU ISBN: 978-989-95386-7-2

ANIMAR ISBN: 978-989-98548-0-2

### DEPÓSITO LEGAL//

362711/13

### TIRAGEM//

100 exemplares

### IMPRESSÃO //

Gráfica Sobreirense, Lda

PUBLICAÇÃO 2013

# À DESCOBERTA DO MUNDO RURAL

Iniciativas de desenvolvimento local em meio rural

# GUIA DE BOAS PRÁTICAS

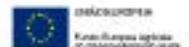
PARCEIROS:



FINANCIADO POR:



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA,  
DO MAR, DO AMBIENTE  
E DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO



INICIATIVA  
Fundação Europeia Agrícola  
de Desenvolvimento Rural  
o Conselho Nacional do Desenvolvimento Rural

## AGRADECIMENTOS

O ICE e a Animar manifestam a sua gratidão a todos aqueles que participaram e se envolveram no projeto “À Descoberta do Mundo Rural” e que, através dos seus contributos, tornaram possível este Guia.

A inventariação de boas práticas de desenvolvimento local em meio rural só foi possível através da partilha de experiências e práticas, do debate sobre visões e problemáticas diversas, num profundo questionamento e inquietação sobre o futuro do mundo rural.

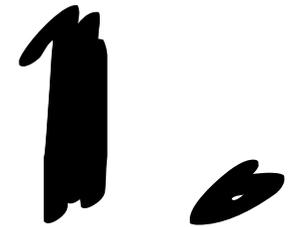
O trabalho desenvolvido por todos - entidades, associações, agentes e atores locais - na construção de vários caminhos em prol de um desenvolvimento local/ rural integrado e sustentável, permitiu uma constante aprendizagem sobre os processos e as dinâmicas que animam e mobilizam o mundo rural.

A diversidade de iniciativas que este Guia apresenta é exemplar das diferentes estratégias, formas e visões de trabalhar no local e a partir do local. Com diferentes origens, finalidades e âmbitos, visam responder a necessidades e apontam para propostas alternativas de futuro.

A todas as entidades e associações, agentes e atores locais implicados no decurso do projeto, um agradecimento muito especial, pelas diferentes perspetivas, visões e práticas que nos deram a conhecer.

## ÍNDICE

- 1.** O Projeto “À Descoberta do Mundo Rural”  
Pág. 11
- 2.** Iniciativas de desenvolvimento local: um quadro concetual  
Pág. 15
- 3.** Boas práticas de desenvolvimento local em meio rural  
Pág. 19
  - 3.1** Grupo de Artesanato de Cambeses do Rio  
Pág. 20
  - 3.2** Animação Comunitária em Montalegre - O Ecomuseu do Barroso  
Pág. 22
  - 3.3** Associação de Artesãos de São Pedro do Sul  
Pág. 25
  - 3.4** Associação Etnográfica e Social do Montemuro (AESM) e Cooperativa dos Artesãos do Montemuro  
Pág. 27
  - 3.5** Associação Juvenil de Deão (AJD)  
Pág. 29
  - 3.6** Banda Musical de Parafita  
Pág. 31
  - 3.7** Cabaz da Horta de Odemira (Taipa)  
Pág. 33
  - 3.8** Cabaz Prove de Vila Verde (ATAHCA)  
Pág. 35
  - 3.9** Cooperativa “As Capuchinhas de Montemuro”  
Pág. 37
  - 3.10** Dinâmica Castreja  
Pág. 40
  - 3.11** Projeto Antes Que Seja Tarde (AQST) - Equipa de Intervenção Precoce na Infância  
Pág. 42
  - 3.12** Festival de Mastros de São Teotónio  
Pág. 44
  - 3.13** Processo de Desenvolvimento Integrado de Miro  
Pág. 46
  - 3.14** Processo de Desenvolvimento Integrado de Meruge  
Pág. 49
  - 3.15** Processo de Desenvolvimento Integrado de Paredes do Rio  
Pág. 52
  - 3.16** Projeto “Aldeias Sonoras” – Binaural, Associação Cultural de Nodar  
Pág. 54
  - 3.17** Projeto “Fazendo e Aprendendo”  
Pág. 57
  - 3.18** Quinta da Educação e do Ambiente (QEA)  
Pág. 59
  - 3.19** Rota dos Pastores - Cooperativa Terra Chã  
Pág. 61
  - 3.20** Teatro Regional da Serra do Montemuro  
Pág. 64
- 4.** Reflexões finais  
Pág. 67
- 5.** Referências Bibliográficas  
Pág. 75



# O PROJETO À DESCOBERTA DO MUNDO RURAL

O Projeto “À Descoberta do Mundo Rural”(ADMR) foi idealizado e desenvolvido através de uma parceria entre o ICE - Instituto das Comunidades Educativas e a Animar - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local, uma iniciativa comunitária cofinanciada pelo Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território e pelo Fundo Europeu Agrícola para o Desenvolvimento Rural (FEADER), através do Programa para a Rede Rural Nacional (PRRN).

Este projeto surge da necessidade sentida por estas duas associações e pelos respetivos parceiros de descobrir, valorizar e dar visibilidade a processos e iniciativas que estão a acontecer, em termos de desenvolvimento local em meio rural, em Portugal continental.

O objetivo geral do projeto consistiu na identificação de iniciativas formais e informais de desenvolvimento local em meio rural, tendo em vista a elaboração de um Guia de Boas Práticas, nos mais diversos âmbitos: arte, cultura, cidadania, património, desporto, atividades intergeracionais, educação, saúde, iniciativas séniores, economia social e solidária, animação comunitária, entre outros.





---

## INICIATIVAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL: UM QUADRO CONCETUAL

No decurso do projeto foram emergindo várias questões, cujas respostas estiveram na base da construção de um quadro concetual que permitiu identificar um conjunto de vinte iniciativas consideradas boas práticas de desenvolvimento local em meio rural, abrangendo um conjunto de âmbitos de intervenção que se foram alargando com o desenvolvimento do projeto: Ação Social; Ambiente; Cultura; Agricultura e Pecuária; Economia Social e Solidária; Educação e Formação; Património; Turismo Sustentável; Animação Comunitária.

Por iniciativas de desenvolvimento local entende-se as atividades e/ou projetos formais e/ou informais organizados por grupos, comunidades, associações, escolas, cooperativas, parcerias, juntas de freguesia ou outras entidades/iniciativas que revelem algumas características que a seguir se enunciam:

- a) Sejam facilitadoras de conhecimento e ativadoras do pensamento;
- b) Impliquem a participação ativa dos seus membros, pondo os atores em movimento;
- c) Colaborem na construção de histórias de futuro alternativas ao presente, propiciando a existência de pensamentos utópicos compartilhados localmente;
- d) Revelem a capacidade de inspirar constantemente as pessoas e as suas ações, inovando nos seus territórios;
- e) Promovam a requalificação do local de dentro para dentro, trabalhando coletivamente recursos endógenos e explorando as memórias coletivas e individuais.

A identificação de iniciativas de desenvolvimento local incluídas neste guia de boas práticas baseou-se nas características acima descritas e nas seguintes dimensões de análise:

- a) A participação das pessoas;
- b) A valorização das memórias e histórias do lugar;
- c) A capacidade de pensar em conjunto sobre as dificuldades e procurar novas formas de melhorar o território;
- d) A valorização dos recursos (naturais, culturais, humanos, materiais e imateriais) disponíveis no território;
- e) A democraticidade das decisões.

#### **a) A participação das pessoas**

A participação das pessoas em iniciativas de desenvolvimento pode assumir diferentes modalidades, sendo frequentemente concebida em termos de implicação ou envolvimento. O sentido aqui atribuído à participação corresponde ao envolvimento das pessoas na realização e vivência dos projetos e iniciativas, nos quais assumem um papel ativo e não de meros espetadores e/ou consumidores. Deste modo, as pessoas não são chamadas apenas a executar ou a assistir a uma atividade; elas são envolvidas, e envolvem-se por iniciativa própria, nos processos de decisão. É esta dimensão participativa que confere sentido aos processos de desenvolvimento, constituindo-se a própria participação como uma ação de aprendizagem coletiva. As pessoas são autoras do seu próprio destino, caminhando para a emancipação e produzindo efeitos multiplicadores sobre outras pessoas e iniciativas.

#### **b) A valorização das memórias e histórias do lugar**

A valorização das memórias e histórias do lugar não se reduz a uma perspetiva de revitalização do mesmo, baseando-se antes numa lógica de requalificação. Nesta lógica, a recuperação dessas memórias e histórias funciona como elemento catalisador de algo novo, mobilizando as pessoas, os grupos, os atores coletivos e o território. A mera recuperação de histórias antigas não terá uma lógica de requalificação se estas forem concebidas apenas como elementos de arquivo. Os processos de desenvolvimento local em meio rural não reduzem o papel dos habitantes do lugar a simples figurantes de um museu. Numa perspetiva de desenvolvimento local, as memórias e histórias do lugar põem agentes em movimento, gerando iniciativas de tipo-novo e tornando os diversos lugares do mundo rural não apenas visitáveis, mas, sobretudo, habitáveis.

#### **c) A capacidade de pensar em conjunto sobre as dificuldades e procurar novas formas de melhorar o território**

A procura da descoberta do novo pelos agentes do território incorpora as aspirações compartilhadas pelo conjunto, o que implica a mobilização, a ação e a proposição de soluções, ou seja, a intervenção no processo, desde a sua construção à sua dinamização e prática. A capacidade de pensar em conjunto sobre as dificuldades e procurar novas formas de melhorar o território é fator determinante na mobilização dos habitantes face aos problemas sentidos e na promoção de uma lógica de Intervenção-Cidadão-Ação.

Baseada nesta lógica de cidadania e auto-organização comunitária, a mudança surge através da busca de soluções coletivas e participativas entre a(s) comunidade(s), o que implica a construção de uma história de futuro compartilhada e conduzida pelos agentes que integram o território e não pré-determinada pela ordem social hegemónica que impera sobre o local.

**d) A valorização dos recursos (naturais, culturais, humanos, materiais e imateriais) disponíveis no território**

Valorizar os recursos disponíveis no território significa potenciar os aspetos positivos existentes localmente, questionando e superando lógicas carencialistas, que estão ainda enraizadas em certas representações sobre o mundo rural. Estas representações são reveladas frequentemente em programas e ações, ditos de “desenvolvimento”, mas que concebem as pessoas e as comunidades locais como meros destinatários e espetadores. Mesmo quando as características naturais, culturais, humanas, materiais e imateriais de um determinado local são vistas como recursos, são muitas vezes na perspetiva de poderem ser explorados e extraídos e não valorizados no sentido da melhoria da qualidade de vida das pessoas que nele habitam. A valorização dos recursos disponíveis no território permite passar de uma perspetiva do “défice”, difundida por agentes externos e frequentemente sentida pelas populações locais, para uma lógica de (auto) reconhecimento das potencialidades dos territórios e das pessoas que neles vivem, procurando garantir os direitos universais de cidadania e a preservação e promoção da biodiversidade local.

**e) A democraticidade das decisões**

A democraticidade consiste no envolvimento de pessoas e grupos nos processos de reflexão, proposição e tomadas de decisão, especialmente daqueles que são frequentemente excluídos de programas e ações ditos de desenvolvimento. Salienta-se que qualquer espaço pode funcionar como contexto de exercício democrático, em que as pessoas se apresentam de igual para igual e as reflexões e opiniões são consideradas como parte de decisões reconhecidamente coletivas. A noção de democraticidade tem, portanto, como pano de fundo, conceções e práticas de democracia participativa, visando a construção compartilhada de visões de futuro a partir do encontro das aspirações e expectativas dos próprios agentes.

# 3

---

## BOAS PRÁTICAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL EM MEIO RURAL



A arte de fiar a lã. Foto de Raquel Gonçalves, 2013.



O trabalho da lã no tear tradicional. Foto de Raquel Gonçalves, 2013.

### 3.1 GRUPO DE ARTESANATO DE CAMBESSES DO RIO

O Grupo de Artesanato de Cambeses do Rio é composto por um núcleo de oito mulheres da aldeia de Cambeses do Rio que decidiram revitalizar a tradição dos serões na aldeia e trabalhar o Ciclo da Lã. Os encontros foram animados inicialmente no âmbito do projeto “Itinerâncias Sociais e Culturais com Sêniores Barrosões”, dinamizado pela Biblioteca Municipal de Montalegre, cuja finalidade era quebrar o isolamento e a solidão das pessoas idosas residentes nas aldeias do concelho, a partir da criação de espaços comuns de sociabilidade. Este Grupo reúne-se à noite, três vezes

por semana, nas instalações da antiga escola primária da aldeia, recuperada pelos habitantes para este efeito. Para além da diminuição do isolamento e da solidão, a iniciativa tem contribuído para a promoção do convívio, da união, da partilha de saberes e da ocupação dos tempos livres, bem como para o aumento da autoestima das participantes, numa constante aprendizagem do saber-fazer tradicional. Além disso, tem atraído pessoas mais jovens, no sentido da valorização das tradições, dos produtos e das técnicas tradicionais locais.

Numa região com um relevante património natural e cultural, esta iniciativa valoriza os recursos disponíveis no território, designadamente a lã e burel das

ovelhas e a planta do linho.

A utilização destes produtos e o trabalho com o tear eram usuais na aldeia, numa época em que as pessoas confeccionavam as suas próprias roupas e em todas as casas havia um tear. Como recordam as participantes, produzia-se tudo o que era necessário para vestir, mas sendo a união e a partilha um dos principais objetivos destas reuniões, recupera-se, ensinando e aprendendo em grupo, tudo o que antigamente as mulheres produziam: meias, tapetes, cobertores, rendas, bordados.

Esta iniciativa contribui para a valorização das memórias do território através da revitalização do saber antigo e tradicional, principalmente a técnica específica de trabalhar a lã no tear. Através do trabalho do ciclo da lã, este grupo de mulheres dá um importante contributo para a preservação e requalificação das tradições, das memórias e das histórias da aldeia e do

concelho de Montalegre.

A passagem dos seus conhecimentos para as gerações mais novas permite a replicação do conhecimento, dando igualmente a conhecer as potencialidades da sua região. É uma forma de recuperar o saber-fazer antigo e promover a sua preservação, bem como revitalizar a identidade cultural entre os mais jovens a partir das suas experiências e vivências e dos seus conhecimentos. O carácter educativo desta e de outras iniciativas do género que existem no concelho é bastante reconhecido pelo incentivo que dão à fixação dos jovens no território.

#### CONTATOS:

www.ecomuseu.org  
ecomuseu@cm-montalegre.pt



Utensílio para cardar a lã. Foto de Raquel Gonçalves, 2012.



A animação e partilha de saberes são uma forma de dinamizar os serões da aldeia. Foto de Raquel Gonçalves, 2013.



### 3.2 ANIMAÇÃO COMUNITÁRIA EM MONTALEGRE - ECOMUSEU DO BARROSO

O processo de animação comunitária existente no concelho de Montalegre consiste num conjunto de dinâmicas locais fomentadas a partir do Ecomuseu do Barroso – Espaço Padre Fontes, que, em Montalegre, tem cinco polos: Pitões das Júnias, Salto, Tourém, a “Casa do Agricultor” em Vilar de Perdizes e a Aldeia Ecomuseu de Paredes do Rio.



Este processo tem-se desenvolvido ao longo de décadas, movimentando o território e as suas gentes a partir de estímulos à inovação e à criatividade. São exemplos destas dinâmicas locais: o Congresso de Medicina Alternativa; a Feira do Fumeiro e do Presunto de Barroso; a Festa das Bruxas – Sexta-Feira 13; o Ecomuseu e os seus polos; as aldeias museu (como Paredes do Rio); a Banda Musical de Parafita; o Grupo de Artesanato de Cambeses do Rio; e ainda outros projetos elaborados e dinamizados através de parcerias formais e informais e atividades de animação comunitária levadas a cabo por órgãos autárquicos e coletividades locais.

Criado em 2002, o Ecomuseu do Barroso é uma associação cultural sem fins lucrativos, em que os associados são os municípios de Montalegre e Boticas, e em cujas dinâmicas participam atores diversos, coletivos e individuais. Foi criado a partir da necessidade de salvaguardar o património material e imaterial do território, de animar a comunidade no sentido de promoção do desenvolvimento local, de estimular as populações locais a identificar e procurar soluções compartilhadas para as suas necessidades, de integrar e concertar a ação das iniciativas locais, de fomentar e apoiar a emergência de iniciativas locais de tipo-novo e, de estimular a valorização do local, favorecendo o espírito de abertura do território.



O Ecomuseu tornou-se um ícone e um elemento catalisador do território, dinamizando e servindo de elo de ligação neste processo de animação comunitária em Montalegre.

A consciência da necessidade de salvaguardar e promover um vasto património, nas suas vertentes, natural, cultural e imaterial, levou o concelho de Montalegre a delinear um projeto de desenvolvimento local sustentável baseado na valorização da ruralidade, da cultura, do património, do ambiente, das pessoas e dos produtos endógenos, de um modo geral. As iniciativas criadas pelo Ecomuseu têm como elementos comuns a relação da população com o seu território, o seu envolvimento na (re) construção dos seus espaços, símbolos e atividades, a partilha de conhecimentos (técnicas, costumes, saberes, etc.) e a promoção de relações intergeracionais. Em grande medida, os dinamismos gerados em torno do Ecomuseu sustentam-se na capacidade de auto-organização da população e no seu sentimento de pertença fortemente enraizada.

do nas tradições locais.

Este processo de animação comunitária tem repercussões importantes na economia local, através da melhoria da imagem da gastronomia e do aumento da produção artesanal, da produção de fumeiro, da restauração, das atividades turísticas e da confiança e viabilidade de investimentos na região, principalmente na área do alojamento e restauração.

#### CONTATOS:

[www.ecomuseu.org](http://www.ecomuseu.org)

[ecomuseu@cm-montalegre.pt](mailto:ecomuseu@cm-montalegre.pt)



Feira do Fumeiro e do Presunto de Barroso.  
Foto de Ecomuseu do Barroso, 2012.



Animação de rua na noite de Sexta-Feira 13.  
Foto de Ricardo Moura, 2012.



Homenagem aos habitantes de Montalegre nos seus trajes tradicionais.  
Foto de Ecomuseu do Barroso, 2012.



O ofício de trabalhar a lã no tear. Foto de Associação de Artesãos de São Pedro do Sul, 2012.

### 3.3 ASSOCIAÇÃO DE ARTESÃOS DE SÃO PEDRO DO SUL

A Associação de Artesãos de São Pedro do Sul nasce na continuidade de um projeto inserido no Programa de Luta Contra a Pobreza, denominado “Serra Nostra”, localizado no concelho de São Pedro do Sul. Na sequência deste projeto, foram realizados três cursos de formação (escolas oficina), promovidos pelo Município, que habilitaram sete artesãs (anteriormente desempregadas de longa duração), que formalizaram a Associação, em 1999.

Surge então a ideia de criar uma empresa de inserção na área da doçaria. Uma vez que o edifício que ocupavam inicialmente (Solar da Lapa) não possuía condições para esse efeito, mudaram para o antigo edifício da estação de caminhos de ferro de S. Pedro do Sul, que fora restaurado com o apoio da Associação de Desenvolvimento Dão Lafões e Alto Paiva (ADDLAP) e do Projeto “Serra Nostra”. Uma vez instalada a Associação, o espaço recebeu a designação de “Estação de Artes e Sabores”. Em 2002, a empresa de inserção inicia atividade, procedendo ao levantamento das receitas tradicionais da região. Mais tarde, com o objetivo de diversificar os produtos e

gerar mais rentabilidade económica, opta também pela produção de com-potas e licores.

A Associação tem uma parceria com a Associação de Solidariedade Social de Lafões (ASSOL), no âmbito da qual acolhe pessoas com deficiência, no sentido da sua integração social e profissional.

A opção pela recuperação de um edifício em ruínas é revelador das preocupações com a valorização dos recursos endógenos e das histórias do território. Antes da sua recuperação, a ruína deste património edificado provocava na comunidade um sentimento negativo, uma vez que o encerramento da linha férrea do Vale do Vouga é ainda sentido com tristeza e revolta pela população, que recorda com saudade os tempos áureos da linha e das atividades económicas que à volta dela se desenvolviam. A requalificação deste espaço para a aposta na valorização dos produtos e memórias locais é sentida, pela população, de forma muito positiva.

A produção da doçaria, das compotas e dos licores é baseada em matérias-primas adquiridas localmente, o que favorece a economia local e revela preocupações com a preservação do ambiente, dada a opção por produtos de origem biológica. O objetivo de recuperação e preservação do artesanato local e dos produtos regionais aliou-se, desde o início, à componente social, nomeadamente no



Estação de Artes e Sabores, sede da Associação.  
Foto de Associação de Artesãos de São Pedro do Sul, 2012.



Artesão a trabalhar em madeira.  
Foto de Associação de Artesãos de São Pedro do Sul, 2012.

que diz respeito à integração de pessoas com deficiência.

No que concerne ao processo de tomada de decisões, são as artesãs, as funcionárias da Associação e os dois membros da direção que estão ligados a outras associações que participam nesse processo, para além de contarem com a colaboração voluntária na promoção de atividades de animação.

#### CONTATOS:

[www.artesaos-spsul.org](http://www.artesaos-spsul.org)  
[geral@artesaos-spsul.org](mailto:geral@artesaos-spsul.org)



Grupo de Cantares, Danças e Artes de Bem Falar do Montemuro - Mezio.  
Foto de Associação Etnográfica e Social de Montemuro (AESM), 2012



Traje típico da região de Montemuro - Mezio.  
Foto de AESM, 2012.

### 3.4 ASSOCIAÇÃO ETNOGRÁFICA E SOCIAL DO MONTEMURO (AESM) E COOPERATIVA DOS ARTESÃOS DO MONTEMURO

A Associação Etnográfica e Social do Montemuro e a Cooperativa de Artesãos do Montemuro, localizadas na freguesia de Mezio, concelho de Castro Daire, são entidades juridicamente distintas, mas que partilham objetivos e espaços físicos, fundindo-se e complementando-se na sua ação quotidiana. A iniciativa da sua criação partiu de um grupo de professores, por volta dos anos 1980. O objetivo deste primeiro impulso era o de valorizar o local, visando estreitar a relação entre a escola e os valores e recursos locais, registar as tradições etnográficas e animar dinâmicas culturais em risco de esquecimento.

O grupo impulsor começou por realizar um levantamento do património cultural da freguesia, através de

pesquisa documental e contatos diretos com a população, procurando motivar os artesãos locais para a compreensão e o reconhecimento do valor da sua arte, investindo na sua transmissão às gerações futuras. O resultado destes primeiros esforços foi a realização de exposições de artesanato, onde, para além da exposição dos produtos, alguns artesãos mostraram os seus trabalhos em lã, junco, palha e silva.

Pretendendo expor de forma mais permanente os materiais recolhidos e produzidos, recorrem, inicialmente, a três casas típicas cedidas para o efeito, construindo, mais tarde, um edifício próprio que serviu de sede à Associação. Neste espaço, foi criado, posteriormente, um Museu onde é possível conhecer o pro-

cesso de cultivo e manufatura do linho e da lã, o ciclo do pão, a cestaria, a olaria e as máquinas agrícolas, incluindo ainda a recriação de uma cozinha tradicional das Terras do Montemuro.

Em 1986, a Cooperativa criou e dinamizou uma Escola de Artesanato, com o objetivo de recuperar e ensinar a cultura do linho. O edifício sede foi entretanto ampliado, tendo sido criado um pequeno bar e restaurante de cozinha típica e, em 1988, a Associação foi declarada como entidade de utilidade pública. Em 2004, e em colaboração com o Centro Distrital de Solidariedade e Segurança Social de Viseu, foi criado um Serviço de Apoio Domiciliário, tendo sido alterado o seu estatuto para IPSS. Este serviço abarca as freguesias de Mezio, Gosende e Monteiras.

Com os objetivos de dar continuidade à recolha, ao estudo, à preservação e divulgação dos usos e costumes e das danças e cantares locais, bem como de ocupar os tempos livres da população, foi criado o Grupo de Cantares, Danças e Artes de Bem Falar do Montemuro-Mezio, responsável, ele próprio, pela dinamização e participação num conjunto de iniciativas de divulgação e promoção destas tradições. A Associação e a Cooperativa mantêm, ainda, o único pisão da região, utilizado na feltragung da lã para produção do burel. Recebe, também, anualmente, diversas visitas escolares e de grupos de formação profissional, bem

como grupos organizados por agências turísticas. A Associação disponibiliza, ainda, aulas de música abertas a toda a comunidade.

A valorização da história e das memórias locais é um dos aspetos mais marcantes desta iniciativa, orientada para a preservação e a promoção dos modos de vida, das tradições orais (por exemplo, danças e cantares) e das atividades económicas tradicionais, nomeadamente o artesanato, a gastronomia e a produção agrícola. A utilização quase exclusiva de produtos e matérias-primas produzidos localmente é exemplo dos esforços de rentabilização dos recursos endógenos, procurando, deste modo, combater a desertificação, criar emprego, favorecer a fixação dos jovens e dinamizar a economia local.

#### CONTATOS:

[www.aesmontemuro.pt](http://www.aesmontemuro.pt)  
[aesmontemuro@gmail.com](mailto:aesmontemuro@gmail.com)

[cooperativadosartesaosdomontemuro.blogspot.com](http://cooperativadosartesaosdomontemuro.blogspot.com)  
[coop.art.montemuro@gmail.com](mailto:coop.art.montemuro@gmail.com)



Sede das AESM e da Cooperativa de Artesãos de Montemuro.  
Foto de AESM, 2012.



Crianças assistem à projeção de um vídeo na sede da Associação Juvenil de Deão (AJD).  
Foto de AJD, 2012.

### 3.5 ASSOCIAÇÃO JUVENIL DE DEÃO (AJD)

A AJD foi fundada em 1997 por iniciativa de um grupo de jovens, naturais da freguesia de Deão, concelho de Viana do Castelo. Tendo sentido a necessidade de desenvolver e dinamizar iniciativas de animação comunitária na freguesia, estes jovens formalizaram a constituição de uma associação juvenil, preocupada inicialmente com a preservação do artesanato local.

Esta associação tem centrado a sua atividade na promoção do acesso à informação, na integração social, na participação cívica e na igualdade de género, criando espaços de convívio e de ocu-



Sede da Associação Juvenil de Deão, na aldeia de Deão.  
Foto de AJD, 2012.

pação dos tempos livres, e oportunidades de voluntariado, de cooperação e de formação. Tem seis secções a funcionar: o departamento de projetos de intervenção social; a ludoteca/escola comunitária; o boletim informativo “O Carocha”; as oficinas; o desporto; e a ani-

mação comunitária, que se intersejam e são um relevante agente de desenvolvimento local, enquanto espaço comunitário de ação educativa e cultural.

A AJD dinamiza também o Grupo Kavakinus, que visa promover e possibilitar a aprendizagem deste instrumento de cordas, e no qual participam crianças, jovens e adultos provenientes das freguesias limítrofes, e um conjunto de iniciativas no âmbito da promoção da igualdade de género. A relação com a comunidade local e o trabalho desenvolvido com a população infantil e juvenil proveniente de zonas rurais levaram à concretização de uma parceria entre a AJD, a Câmara Municipal de Viana do Castelo e a Junta de Freguesia de Deão para a criação de uma Ludoteca/Escola Comunitária.

Este espaço é destinado à leitura, ao trabalho de expressão escrita, plástica e corporal, disponibilizando ainda uma secção de informática e acesso à *internet*, tendo em vista a aquisição de competências na área da informática e das tecnologias da comunicação, por parte dos jovens. Aposta ainda no estreitamento das interações com a escola local, uma vez que, na Ludoteca, as crianças encontram apoio ao estudo e participam em diversas atividades lúdicas e criativas. Esta Associação recebe diversas propostas de realização de atividades e os seus proponentes são envolvidos, com a direção, no processo de tomada de decisão.

Neste sentido, realizam-se reuniões com os participantes no decurso das diversas iniciativas, sendo ainda possível a participação da comunidade em sede de reunião dos órgãos sociais da Associação. A promoção da cidadania constitui um dos principais eixos de intervenção, nomeadamente em torno da igualdade de género.

A Associação tem também desenvolvido um conjunto de iniciativas que visa promover as marcas emblemáticas da região, nomeadamente na área do artesanato local. É ainda de assinalar que esta ocupa o edifício do antigo jardim de infância da freguesia, que se encontrava desocupado. A AJD dá também uma atenção particular às redes de parceria locais, contando com a colaboração dos órgãos de poder autárquico, das associações e das escolas.

#### CONTATOS:

[www.assocjuvenildeao.blogspot.pt](http://www.assocjuvenildeao.blogspot.pt)  
[assocjuvenildeao@gmail.com](mailto:assocjuvenildeao@gmail.com)



Grupo de jovens em atividades da Associação.  
Foto de AJD, 2012.



Membros da Banda Musical de Parafita.  
Foto de Banda Musical de Parafita, 2005.

### 3.6 BANDA MUSICAL DE PARAFITA

A Banda Musical de Parafita é o ex-líbris da pequena aldeia de Parafita, pertencente à freguesia de Viade de Baixo, concelho de Montalegre. Fazendo parte da Associação Cultural de Parafita, esta banda conta com cerca de 50 elementos. É constituída por crianças e jovens de todo o concelho que, todos os fins de semana, ensaiam as músicas, com o apoio de voluntários e profissionais contratados. A escola de música é um projeto itinerante que forma gratuitamente os músicos que



Ensaio dos jovens na Escola de Música.  
Foto de Banda Musical de Parafita, 2011.

depois integram a banda. Para além dos ensaios, todos os sábados, na sede da banda, alguns músicos mais experientes e o maestro proporcionam aos jovens a aprendizagem e o interesse pela música. Embora incerta, a data de origem desta iniciativa remonta, provavelmente, ao ano de 1800. Em 1964, a banda desmembrou-se devido à emigração, associada à construção da barragem que desapro-



Banda Musical de Parafita em concerto.  
Foto de Banda Musical de Parafita, 2011.

priou muitos terrenos às pessoas. Em 1988, esta iniciativa foi recuperada com o regresso a Parafita de algumas pessoas que tocaram na antiga banda e com o apoio da população que a recordava com saudade. Muitos jovens da terra e das aldeias vizinhas começaram a aprender o solfejo para depois poderem ingressar na banda.

Além de participar em muitas romarias da província da Galiza, a Banda Musical de Parafita mantém forte presença nos eventos culturais da região e tem uma grande projeção nacional. A banda tem já alguns CDs gravados e comercializados e participa na organização de estágios e *master class* para instrumentos de sopro, cordas e percussão, das quais se destaca o Workshop de Verão 2009 da Orquestra Metropolitana de Lisboa, realizado em Montalegre.

A banda de Parafita representa o reconhecimento pela história, pela terra e pelos seus antepassados e destaca-se pelo forte envolvimento das pessoas. Constitui um

exemplo de empenho na recuperação e requalificação da cultura local, sendo a participação também um motivo para as pessoas permanecerem na aldeia. A sua capacidade de atrair a população jovem também permite fortalecer a sua ligação com o território, numa aldeia pertencente a um dos concelhos mais envelhecidos do país e da Europa.

A valorização das pessoas e dos seus saberes constitui um dos mais importantes contributos da iniciativa para o desenvolvimento local. Para além da sua existência, constituindo-se como um grupo social e cultural importante para o concelho e um recurso com espaços e condições para o ensino e o ensaio da música, a participação na banda cria uma nova perspetiva de futuro para o local. Com a escola de música, as crianças e os jovens interessam-se pela música e a sua participação na banda cria novos horizontes de desenvolvimento socio-cultural. A abertura ao exterior e a realização de intercâmbios com outras coletividades são fatores de formação e qualificação dos seus músicos, que são, na sua maioria, as crianças e os jovens da região.

**CONTATOS:**

[www.bandaparafita.net](http://www.bandaparafita.net)  
[geral@bandaparafita.net](mailto:geral@bandaparafita.net)



Produtora na entrega do Cabaz da Horta.  
Foto de Taipa, 2012.



O Cabaz da Horta em Odemira. Foto de Taipa, 2012.

### 3.7 CABAZ DA HORTA EM ODEMIRA

O Cabaz da Horta em Odemira consiste na organização de um circuito de comercialização de produtos que proporciona uma relação direta entre produtores e consumidores, dispensando a figura do “intermediário”. Atualmente, é dinamizado por um grupo de cinco agricultores, na maioria mulheres, que cultivam e organizam, semanal ou quinzenalmente, cabazes em cestas de vime com legumes produzidos por eles. Com uma lista prévia de

compradores, os agricultores entregam as cestas porta a porta ou colocam-nas num ponto de encontro previamente combinado. Através deste circuito, os produtos do interior são vendidos nas zonas urbanas do concelho e no litoral alentejano, sendo igual a distribuição dos lucros, independentemente do que os agricultores tenham produzido. Esta iniciativa surge no âmbito do Projeto Multifuncionalidade Rural, financiado pela medida Agris, que tinha como objetivo a valorização e a qualificação da produção local. Em 2003, a Taipa (Organização Cooperativa para o Desenvolvimento Integrado do Concelho de Odemira) lançou a ideia do Cabaz da Horta em Odemira com o objetivo de combater o isolamento do interior e o declínio da agricultura tradicional. Deste modo, pretendia proporcionar aos agricultores locais o incremento de rendimentos a partir

da venda dos produtos que já produziam quotidianamente e promover o valor social e ambiental da atividade agrícola. Até hoje, este grupo de pequenos produtores mantém autonomamente a iniciativa com uma venda semanal de cerca de trinta cabazes em três tamanhos diferentes, que podem ser comercializados de forma personalizada através da indicação de produtos que determinado consumidor pretende ou não receber, da partilha de informações sobre receitas diferentes e a utilização de ervas aromáticas.

Esta iniciativa contribui para a mobilização e revitalização do tecido socioeconómico do território a partir da inquietação das pessoas sobre as suas vidas. O Cabaz da Horta de Odemira incorporou o envolvimento de agricultores na requalificação da agricultura local e na sua mobilização para dar resposta à desertificação de territórios do interior. O impacto socioeconómico é muito importante devido ao estabelecimento de laços entre agricultores (que se fixam à terra com expectativas mais positivas) e consumidores, ao aumento da segurança financeira para os agricultores e à comercialização de produtos de qualidade a um preço acessível.

Outra característica desta iniciativa tem a ver com a qualificação da produção e da distribuição, como demonstram o cuidado com os produtos e a organização



A entrega do Cabaz da Horta ao consumidor.  
Foto de Taipa, 2012.

dos cabazes em cestas de vime, a revalorização das variedades agrícolas locais e a recuperação dos conhecimentos sobre práticas agrícolas antigas. Do ponto de vista social, é na esteira do Cabaz da Horta que os montes de Odemira e as aldeias, que têm vindo a sofrer um acentuado processo de despovoamento, ganharam dinamismo. Nas várias dimensões (económica, social, ambiental e patrimonial), a qualidade de vida que esta iniciativa proporciona aos agricultores envolvidos não se queda pela sua capacitação de resposta aos seus problemas, adquirida nas ações de formação; agora, as condições de vida e de trabalho são muito diferentes, em resultado da construção de estufas, da realização de furos de água, da construção de cercas para os animais e, sobretudo, da sua organização em rede assegurada pelo circuito de comercialização.

#### CONTATOS:

[www.taipa-desenvolvimento.pt](http://www.taipa-desenvolvimento.pt)  
[taipa@taipa-desenvolvimento.pt](mailto:taipa@taipa-desenvolvimento.pt)



Dia da entrega dos Cabazes Prove. Foto de Prove, 2012.

### 3.8 CABAZ PROVE DE VILA VERDE

Esta iniciativa insere-se numa dinâmica socioeconómica mais ampla desencadeada pelo projeto PROVE – Promover e Vender, que foi desenvolvido no contexto da iniciativa comunitária EQUAL. Este projeto pôs em contato várias entidades parceiras que se associaram a um grupo de pequenos produtores com o objetivo de melhorar o escoamento das suas produções. Nos concelhos de Vila Verde e Póvoa do Lanhoso, o Cabaz PROVE é dinamizado pela ATAHCA – Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave.

Através desta iniciativa, é promovida a venda direta de produtos hortofrutícolas, sob a forma de elaboração de um cabaz de época, com um peso médio e preço constante, distribuído semanalmente a cerca de 130 consumidores. Os territórios abrangidos possuem recursos, produtos e modos de produção alicerçados na Natureza, sendo valorizados o património e a paisagem, assim como as tradições e vivências das populações, do ponto de vista da atividade económica e cultural.

Para além de permitir o contato direto e o estabelecimento de relações comer-

ciais entre produtores e consumidores, esta iniciativa procura ainda potenciar o estabelecimento de relações e laços de sociabilidade entre uns e outros, fomentando a confiança, a cooperação e a solidariedade. As iniciativas de compra e venda dos produtos são, na maior parte dos casos, acolhidas por organizações locais, como é o caso da Cruz Vermelha de Braga.

Os principais objetivos desta iniciativa passam pelo incentivo à atividade agrícola, pela criação de emprego, pelo desenvolvimento da economia local, pela sustentabilidade ambiental e social, pelo fomento da proximidade entre rural e urbano e pela manutenção da paisagem rural. Paralelamente a estes objetivos de natureza mais económica, esta iniciativa pretende potenciar a partilha de informação e conhecimentos sobre os métodos de produção e as práticas agrícolas, a divulgação dos produtos da época e dos seus ciclos de produção e o fomento das receitas tradicionais. É visível o interesse em mobilizar os agricultores para a organização da produção e venda e, simultaneamente, sensibilizar as pessoas para um consumo mais consciente do ponto de vista social e ambiental. Trata-se, fundamentalmente, de uma economia social e solidária, de proximidade e de proteção do meio ambiente e da biodiversidade.



Os produtores com os seus cabazes para venda.  
Photo by Prove, 2012.



Mostra de cabaz com produtos da época.  
Foto de Prove, 2012.



Produtos hortofrutícolas de produção local. Foto de Prove, 2012.

#### CONTATOS:

[www.prove.com.pt/vila-verde](http://www.prove.com.pt/vila-verde)  
[encomendas.vilaverde@prove.com.pt](mailto:encomendas.vilaverde@prove.com.pt)

[www.atahca.pt](http://www.atahca.pt)  
[altocavado@mail.telepac.pt](mailto:altocavado@mail.telepac.pt)



O ofício da tecedeira no tear tradicional. Foto de Fátima Ferreirinha, 2012.

### 3.9 COOPERATIVA "AS CAPUCHINHAS DE MONTEMURO"

A Cooperativa "As Capuchinhas de Montemuro" tem, na sua origem, a ação desenvolvida por um conjunto de mulheres que decidiram dinamizar Campo Benfeito, uma aldeia isolada situada entre Castro Daire e Lamego. Campo Benfeito tornou-se, ao longo do tempo, um retrato do isolamento geográfico, do abandono dos mais jovens e do desemprego da população. É neste contexto que, em 1985, duas mulheres frequentam um curso de formação profissional de corte e cos-

tura, promovido pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional e com o apoio do ICA – Instituto de Assuntos Culturais, juntando-se, posteriormente, a duas outras companheiras. Com os conhecimentos adquiridos nessa formação, decidem promover o património local e garantir uma remuneração regular.

Estas mulheres começam por trabalhar dois dias por semana no edifício da escola EB1 de Campo Benfeito, cedido pela Câmara Municipal de Castro Daire, mantendo os seus trabalhos domésticos. Com o apoio de uma estilista, a venda dos seus produtos

umenta e decidem dedicar mais tempo a esta atividade. É assim que se constituem, em 1999, como Cooperativa “Capuchinhas, Produção e Venda de Vestuário Artesanal, CRL”.

Em 2005, com o apoio da ADRIMAG (Associação de Desenvolvimento Rural Integrado das Serras do Montemuro, Arada e Gralheira), a Cooperativa remodela as instalações da antiga escola. Desde então, com o apoio de outra estilista, dedicam-se diariamente a esta arte, criando peças originais com a matéria-prima da região (materiais da Natureza para tingimento dos tecidos, burel, linho, lã, entre outros), utilizando as cores da serra e preservando a identidade e a tradição local.

As Capuchinhas têm participado em vários concursos e já ganharam alguns prémios de mérito, entre os quais se destaca o Prémio Internacional de Criatividade das Mulheres do Mundo Rural, atribuído pela Women’s World Summit Foundation, criado na sequência da Conferência de Pequim sobre a Mulher. A nível nacional, contam já com vários pontos de revenda no país e no estrangeiro e todos os anos apresentam novas coleções (de Verão e Inverno), através de mostras de produtos e de feiras de artesanato. Recebem ainda turistas e alunos em visitas de estudo e colaboram na confecção de peças de vestuário para os fi-



Atelier da Cooperativa. Foto de Fátima Ferreirinha, 2012.



A utilização de teares mais modernos para a confecção da roupa. Foto de Fátima Ferreirinha, 2012.



Trabalhos manuais. Molde em pormenor. Foto de Fátima Ferreirinha, 2012.

gurinos do Teatro Regional da Serra do Montemuro (Iniciativa 3.20, pág.64). As pessoas que vão ao teatro também visitam a Cooperativa, tendo-se criado um intercâmbio entre estas duas entidades.

Esta iniciativa mostra-nos como uma unidade produtiva composta por um pequeno grupo de mulheres contribui para a valorização dos recursos e das memórias do lugar, nomeadamente através da utilização de técnicas antigas de artesanato (teares). A atividade não se reduz a uma perspetiva de revitalização de tradições, assumindo antes uma lógica de requalificação. Ou seja, a identidade e a cultura do território assentam na valorização de recursos endógenos e na preservação de memórias do local, mas articulando a tradição e a modernidade.

#### CONTATOS:

[www.capuchinhas.blogspot.pt](http://www.capuchinhas.blogspot.pt)  
[capuchinhas@gmail.com](mailto:capuchinhas@gmail.com)



Expositor da Coleção de roupa da Cooperativa. Foto de Fátima Ferreirinha, 2012.



As Olimpíadas de Castrejas - Atividades culturais, recreativas e desportivas.  
Foto de Cooperativa Castreja, 2012.

### 3.10 DINÂMICA CASTREJA

A “Dinâmica Castreja” é um movimento local dinamizado na zona de Briteiros, concelho de Guimarães, e abrange várias freguesias. É desenvolvido pela população através de iniciativas locais em áreas de intervenção que considera prioritárias, designadamente a ação social, a animação comunitária, a cultura e o desporto.

Os atores institucionais que dinamizam esta iniciativa são o Agrupamento Vertical de Escolas de Briteiros e a sua Associação de Pais, a Comissão Social Interfreguesias Castreja (CSIF Castreja) e a Cooperativa Castreja, constituída

recentemente (Janeiro de 2012) como resposta às necessidades da população. Esta vem formalizar a já existente articulação informal entre os atores locais em ações de voluntariado de apoio a crianças, idosos e famílias em situação de vulnerabilidade social.

A atividade cultural deste território é fruto de um forte sentimento de pertença e de mobilização coletiva. A valorização da sua história é distinguida pela divulgação da Citânia de Briteiros, classificada como monumento nacional, e das características da cultura dos castros. A Dinâmica Castreja promove a cooperação entre os diversos agentes na erradicação da pobreza e no apoio à inclusão social. Entre outras iniciativas, como a campanha permanente de recolha de bens alimentares e a oferta

de cabazes de Natal dirigida às famílias mais carenciadas, a Loja Solidária é exemplificativa deste dinamismo. Com o apoio de jovens voluntários, esta Loja está aberta ao público e as pessoas podem adquirir alimentos, vestuário e ajudas técnicas, mediante a avaliação socioeconómica da sua situação familiar. É neste contexto que surge o Banco de Ajudas Técnicas, que inclui o empréstimo de camas articuladas e cadeiras de rodas a pessoas cuja situação de saúde imponha a utilização deste equipamento de apoio. As Olimpíadas Castrejas são outra componente da dinâmica local, que surge de momentos de reflexão partilhada e tomada de decisão sobre a promoção e o desenvolvimento de atividades culturais, recreativas e desportivas, com o envolvimento da população. Como forma de intervenção social, a Associação de Pais do Agrupamento de Escolas de Briteiros, a Cooperativa Castreja e a CSIF Castreja reúnem-se para a organização deste evento e os pais e outros voluntários preparam

e treinam as crianças para defender a sua história e as cores da sua freguesia em torneios e competições desportivas. A Dinâmica Castreja tem-se desenvolvido ao longo do tempo numa perspetiva de valorização e integração de recursos endógenos, com base nos valores da solidariedade, no sentimento de pertença coletiva e da participação social. As pessoas envolvem-se no conjunto de ações e projetos inseridos nesta dinâmica, mobilizando-se para ajudar as pessoas em situação de vulnerabilidade social e de carência económica.

Esta dinâmica solidária e comunitária revela a capacidade de mediação dos atores locais para melhorar a qualidade de vida das pessoas, com a participação ativa de diversos parceiros e a valorização dos recursos materiais e imateriais existentes no território.

#### CONTATOS:

[www.sites.google.com/site/cccastreja/home](http://www.sites.google.com/site/cccastreja/home)  
[castreja.cooperativa@gmail.com](mailto:castreja.cooperativa@gmail.com)



As Olimpíadas de Castrejas - Atividades culturais, recreativas e desportivas.  
Foto de Cooperativa Castreja, 2012.



Atividades de intervenção precoce na infância, pela equipa do projeto “Antes que Seja Tarde” (AQST).  
Foto de AQST, 2012.

### 3.11 PROJETO ANTES QUE SEJA TARDE (AQST) - EQUIPA DE INTERVENÇÃO PRECOCE NA INFÂNCIA

O Projeto Antes Que Seja Tarde (AQST) – Equipa de Intervenção Precoce na Infância, de Santiago do Cacém, surgiu da necessidade de intervir precocemente junto de crianças dos zero aos seis anos de idade com problemas de desenvolvimento ou sujeitas a situações de risco biológico e/ou ambiental. Foi no decurso do projeto Escolas Rurais do ICE que esta necessidade foi identificada, tendo dado origem, em 2001, ao projeto Antes Que Seja Tarde, inserido no Programa Ser Criança. Este projeto baseou-se na identificação de crianças que eram apoiadas por vários

serviços públicos que atuavam sem articulação, assumindo, por isso, o objetivo de desenvolver ações concertadas entre os mesmos. Para tal, foi importante a constituição de um Conselho de Parceiros, por iniciativa do ICE. Em Dezembro de 2010, com a celebração de um protocolo entre o ICE e o Centro Distrital de Segurança Social de Setúbal, a Administração Regional de Saúde do Alentejo e a Direção Regional de Educação do Alentejo, formou-se a Equipa Local de Intervenção (ELI), que as técnicas designam de “Equipa de Intervenção Precoce na Infância”.

A equipa é multidisciplinar e integra uma técnica de serviço social, uma psicóloga e uma terapeuta ocupacional, uma terapeuta da fala e uma técnica de psicomotricidade, educadoras de infância e duas professoras dos 2º e 3º ciclos. Intervém de forma articulada com os vários intervenientes diretos (famílias e técnicos) e os serviços sociais existentes no território (Rede Social, IPSSs,), através do desenvolvimento de ações em diferentes contextos (domicílio, amas, jardim de infância, acompanhamento a consultas, etc.) e de programas individuais de educação das crianças e de apoio às suas famílias. Em regime de itinerância, a Equipa percorre o concelho, acompanhando as crianças e apoiando-as nos seus contextos naturais, observando as reais condições de saúde e de habitação, assim como os hábitos e costumes escolares, sociais e familiares. Atualmente apoia 80 crianças e as suas famílias, ultrapassando as 65 previstas inicialmente nesse protocolo.

A Equipa desenvolve várias atividades de sensibilização para diversas questões associadas à intervenção precoce, as quais incluem ações de divulgação, momentos de informação e de formação, encontros de pais e encontros regulares de trabalho articulado. A Equipa procura contribuir para a capacitação das pessoas, conferindo grande importância à partilha de conhecimentos e experiências entre os técnicos e as pessoas que

lidam com as crianças.

Um dos principais objetivos do Projeto AQST é a sensibilização e o envolvimento das famílias, numa perspetiva de qualificação e valorização dos seus saberes e experiências, proporcionando-lhes o apoio necessário ao seu exercício parental e reconhecendo-as como principais responsáveis pelo desenvolvimento das crianças. Esta Equipa promove, ainda, a participação dos vários responsáveis pelo desenvolvimento das crianças (pais, professores, técnicos de saúde e outros) nos seus contextos naturais, e mobiliza diversos serviços e instituições locais, considerando-os parceiros ativos do projeto. A intervenção da Equipa é feita de forma descentralizada e contextualizada, criando relações de proximidade e confiança com as famílias e a comunidade.

#### CONTACTOS:

[www.antesquesejatarde-ip.blogspot.pt](http://www.antesquesejatarde-ip.blogspot.pt)  
[aqst-ip@mail.telepac.pt](mailto:aqst-ip@mail.telepac.pt)



Jogos de equilíbrio com as crianças.  
Foto de AQST, 2012.



Ruas enfeitadas da Vila de São Teotónio por ocasião do Festival de Mastros. Foto de Junta de Freguesia de São Teotónio, 2012.

### 3.12 FESTIVAL DE MASTROS DE SÃO TEOTÓNIO

O Festival de Mastros de São Teotónio é organizado na vila de São Teotónio, no concelho de Odemira. Entre mastros cuidadosamente preparados (cada um com o seu dia especial), bailes e marchas populares, tasquinhas e animação de rua, esta vila vive intensamente esta festividade durante vinte dias no mês de Junho.

O Festival bienal surge por iniciativa dos habitantes que decidiram, em 1991, movimentar a freguesia de São Teotónio através do envolvimento e da participação de toda a população. Com esse propósito, recuperaram a festa popular que antigamente, por alturas dos Santos



Centro da vila enfeitado por ocasião do Festival de Mastros. Foto de Junta de Freguesia de São Teotónio, 2012.

Populares, se celebrava na vila.

Esta iniciativa, atualmente promovida pela Junta de Freguesia local, tem o apoio da Câmara Municipal de Odemira e da Sociedade Recreativa São Teotoniense, envolvendo as coletividades, os comerciantes e particulares. A organização conta também com o apoio dos seus emigrantes para a difusão do evento, a elaboração de músicas e a criação de blogues. Nos anos ímpares, o povo vive a sua história e sai à rua, justificando porque, afinal, se diz que o seu padroeiro “nã drome”. Durante a Feira Medieval, a população é convidada a recuar no

tempo e participar com trajes antigos durante as recriações etnográficas. Desta também fazem parte as tradicionais fogueiras de S. João; a Romaria à Fonte, na qual as mulheres se vestem conforme a tradição, levando “enfusas” à cabeça ou nos quadris; e as tasquinhas que delicias os visitantes com a gastronomia da região. Durante mais de seis meses de trabalho, vários grupos locais de música, dança e teatro preparam-se para o Festival e a população produz flores e arranjos de papel e decoram cuidadosamente as ruas com arcos e balões. Este Festival atrai um grande número de turistas e emigrantes que se deslocam a São Teotónio com o propósito de se deslumbrar com os elementos decorativos e de se divertirem. O Festival de Mastros dinamiza a vila de São Teotónio com a participação voluntária e ativa da população. É uma iniciativa desenvolvida pela população, com a população e para a população, que se envolve na realização das várias atividades que dão corpo ao Festival, utilizando os recursos físicos e culturais

disponíveis no território. Cada grupo de pessoas discute e decide sobre as formas de embelezar e animar as ruas, contribuindo para o sucesso do festival. A decoração dos mastros, assim como a realização da Feira Medieval, mostram como a valorização e a recuperação das tradições locais se constituem como elementos mobilizadores da população.

#### CONTATOS:

[www.f-steotonio.pt](http://www.f-steotonio.pt)

[j.f.s.teotonio@mail.telepac.pt](mailto:j.f.s.teotonio@mail.telepac.pt)



Marchas Populares na Vila de São Teotónio. Foto de Junta de Freguesia de São Teotónio, 2012.



Animação comunitária - Festival de Mastros. Foto de Junta de Freguesia de São Teotónio, 2012.



Praça central da vila. Foto de Junta de Freguesia de São Teotónio, 2012.



Complexo turístico da Serra da Talhada. Foto de GSSDCRM, 2012.

### 3.13 PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DE MIRO

O processo de desenvolvimento integrado da aldeia de Miro, no concelho de Penacova, dinamizado pelo Grupo de Solidariedade Social, Desportivo, Cultural e Recreativo de Miro (GSSDCRM), teve o seu início na década de 1970, a partir de um grupo de jovens que se reunia informalmente para participar em diversas iniciativas de carácter desportivo.

Formalizado em 1980, o GSSDCRM começou a diversificar os campos de atuação, realizando campos de trabalho, férias desportivas, intercâmbios, entre outras atividades, para que os jovens ocupassem os seus tempos livres de forma

ativa e saudável. Em 1986 foi criado o Rancho Típico de Miro “Os Barqueiros do Mondego”, com o objetivo de recuperar e preservar os usos e costumes da região, e promover a relação intergeracional. Com o crescente protagonismo da atividade do Futsal, em 1996 o Grupo foi filiado à Associação de Futebol de Coimbra, participando, conseqüentemente, em diversos eventos e torneios da modalidade.

A partir do contato direto com a população local, o Grupo verificou a existência de algumas lacunas ao nível da ação social, sentindo a necessidade de alargar o seu âmbito de intervenção. Em 2000, inscreveu-se na Segurança Social como

IPSS, iniciando a sua valência de apoio domiciliário e passando a designar-se por Grupo de Solidariedade Social, Desportivo, Cultural e Recreativo de Miro (GSSDCRM).

De forma a corresponder ao crescimento da dinâmica local e aos interesses da comunidade, foram ainda criadas, em 2003, a Associação de Amigos de Caça e Pesca e a Associação para as Atividades de Lazer e Desportos Radicais. Com a assinatura de um contrato de comodato com a Câmara Municipal de Penacova, em 2006, para exploração do Complexo Turístico da Serra da Talhada, foram criados um restaurante e um bar e recuperados moinhos, quer para a sua função tradicional, quer para a sua adaptação ao turismo rural.

Na medida em que a agricultura ainda é uma das atividades económicas fundamentais da região, os responsáveis pelo Grupo, em conjunto com um grupo de produtores locais, deram início à criação da cooperativa “Produtos da Nossa Terra – Cooperativa Agrícola, Serviços e Artes de Miro”, com objetivos ligados à agricultura, ao artesanato e à prestação de serviços (transportes, aluguer de equipamentos, assistência técnica, distribuição, hotelaria, entre outros). A Cooperativa foi constituída com o objetivo de incentivar a produção dos pequenos produtores, de minimizar os desperdícios, de combater a desertificação das aldeias e dinamizar a economia local.

No seguimento de uma candidatura ao Programa Pares, em 2008, teve início a construção do complexo para instalação do lar de idosos, edifício que passou a albergar, também, o Centro de Dia, o Apoio Domiciliário e a Creche. Em 2009 foi criado o Grupo de Escoteiros, sendo ainda constituída uma empresa de transportes ocasionais.

Partindo da identificação de problemas locais em conjunto com a comunidade, tais como o desemprego, as lacunas ao nível social e de ação com os mais jovens e idosos, a falta de rendimento por parte dos agricultores locais e a improdutividade das terras, a desvalorização do local e das tradições, o GSSDCRM decidiu construir em comunidade aquilo que representa hoje este processo de desenvolvimento integrado da aldeia de Miro, a partir do trabalho de intervenção do Grupo. O GSSDCRM é um dos principais empregadores em Penacova, empregando cerca de 50 funcionários. Apoia 45 utentes no lar, 30 utentes no Apoio



Mulher amassa o pão. Foto de GSSDCRM, 2012.

Domiciliário, 15 utentes no Centro de Dia e 11 crianças na Creche. Possui, ainda, o restaurante “Pedra do Moinho”, um bar, uma cooperativa agrícola e uma empresa de transportes.

Desde a sua génese, o GSSDCRM desenvolveu diversas atividades nos âmbitos desportivo, cultural e recreativo, tendo, mais tarde, integrado serviços de apoio social. Deste modo, tem-se constituído como agente e polo dinamizador do território, sendo a participação e o envolvimento das pessoas, das famílias e de grupos sociais entendidos como fatores de desenvolvimento local e social e de promoção da cidadania e da solidariedade.

#### CONTATOS:

[www.gssdcrmiro.pt](http://www.gssdcrmiro.pt)  
[www.gssdcrmiro.sapo.pt](http://www.gssdcrmiro.sapo.pt)



“Os Barqueiros do Mondego” – Rancho típico de Miro.  
Foto de GSSDCRM, 2012.



Uma das equipas de Futsal. Foto de GSSDCRM, 2012.



Grupo de Escoteiros de Miro em atividade de campo.  
Foto de GSSDCRM, 2012.



Atividades desportivas na aldeia de Miro.  
Foto de GSSDCRM, 2012.



Escola Oficina de Fumeiro e Cozinha Tradicional.  
Foto de Junta de Freguesia de Meruge, 2012.



Forno comunitário de Meruge.  
Foto de Junta de Freguesia de Meruge, 2012.

### 3.14 PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DE MERUGE

O processo de desenvolvimento integrado de Meruge é fruto da cooperação entre a Associação para o Desenvolvimento Social e Cultural do Vale do Cobral (ADSCVC), a Junta de Freguesia de Meruge e um conjunto de atores locais, individuais e coletivos, dinamizado na aldeia de Meruge, concelho de Oliveira do Hospital.

A ADSCVC nasce informalmente em 1998, por iniciativa de um grupo de pessoas interessadas em dar resposta às necessidades sociais, educacionais e económicas da freguesia, nomeadamente atividades de proteção à infância, juventude, população idosa, pessoas com deficiência e comunidade em geral.

Após a sua constituição como IPSS, em 2000, é criada a valência de apoio domiciliário a idosos, assim como um Centro de Dia e um ATL, em parceria com a Junta de Freguesia.

Meruge é uma freguesia com forte tradição na produção de suínos e comercialização de carnes, sendo conhecida na região como a “Terra dos Porqueiros”. Tendo como objetivo a revitalização e transmissão destes saberes tradicionais, a ADSCVC e a Junta de Freguesia desenvolveram uma parceria local com a Associação de Desenvolvimento Integrado da Beirra Serra (Adiber), a Associação de Jovens de Meruge e a Câmara Municipal de Oliveira do Hospital, com o objetivo de promover a valorização e promoção da carne de porco e seus

derivados e para garantir a continuidade desta prática tradicional, promover a criação de riqueza e de valor social a partir da criação de postos de trabalho e contribuir para a fixação de pessoas no território.

Neste sentido, foi criada uma Escola Oficina de Fumeiro e Cozinha tradicional, para a aprendizagem e aperfeiçoamento do processo de transformação e produção artesanal de enchidos e de compotas tradicionais, no sentido de explorar as potencialidades gastronómicas destes produtos regionais. Para o seu funcionamento foi criada uma Empresa de Inserção Social, apoiada pelo IEF, que garante o apoio à criação de cinco postos de trabalho e onde é promovida a comercialização destes produtos tradicionais. No âmbito deste processo, é organizada, anualmente, a Feira do Porco e do Enchido, única na região, com o objetivo de divulgar e escoar os enchidos e outros produtos locais da freguesia e do concelho e potenciar a interação entre produtores e consumidores, havendo mostras de porco bísaro (raça autóctone), mostra de doçaria e artesanato e atividades de animação. A Feira promove o escoamento e a divulgação dos produtos, o intercâmbio e a partilha de experiências entre produtores, facilitando a união e apoio mútuo, criando novos canais de comercialização e o reforço da economia local.

É no espaço da Lage Grande (um



Museu Etnográfico da Freguesia de Meruge.  
Foto de Junta de Freguesia de Meruge, 2012.

aglomerado granítico de grande dimensão, localizado no centro e no lugar mais alto da aldeia) que decorrem as diversas atividades na aldeia, sendo considerado, pela população, como centro da sua vida social. Ao redor da Lage existe ainda a igreja e o forno comunitário, uma casa museu e o espaço *internet*, espaços de excelência para o convívio e reunião da comunidade para o levantamento de necessidades e a tomada de decisões coletivas. A reconstrução recente do forno comunitário permitiu recuperar este espaço e as memórias a ele associadas, acolhendo, atualmente, a recriação anual do “Ciclo do Pão”. A representação inclui a desfolhada e a malha do milho de forma tradicional, a visi-

ta aos campos cultivados e aos moinhos, pretendendo dar a conhecer aos mais novos de forma participada e integrada as tradições ancestrais associadas ao “Ciclo do Pão”.

Fazem parte ainda deste processo local de desenvolvimento as iniciativas “Entre Pedras Nascem Rosas” e “Feira da Primavera”, orientadas para o embelezamento das ruas e dos edifícios da aldeia, através do recurso a espécies florais locais e da troca entre os habitantes das espécies mais características da região. Na loja de produtos regionais “Artes e Saberes da Nossa Terra”, criada no âmbito do Contrato Local de Desenvolvimento Social (CLDS), estão disponíveis produtos gastronómicos e de artesanato típico da freguesia e do concelho, criando uma mais-valia na promoção e escoamento dos produtos e no apoio direto aos produtores locais na venda dos seus artigos, potenciando a economia local. Para além de estimular junto da comunidade a produção de enchidos e pro-

duto agrícolas, tendo em vista o desenvolvimento da economia local, a própria Associação é geradora de emprego, empregando 11 pessoas, cinco das quais na Empresa de Inserção. Há uma aposta na troca de espécimes vegetais por ocasião da Feira da Primavera, na recriação do Ciclo do Pão (com atenção ao ciclo de cultivo e colheita do milho) e no fomento da produção do fumeiro, para além de um incentivo à produção de pequena escala, à manutenção do labor agrícola e à potenciação da articulação entre produtores locais. A criação da Empresa de Inserção e da Loja constituem oportunidades de escoamento e divulgação dos produtos locais.

#### CONTATOS:

[www.adscvc.com](http://www.adscvc.com)  
[adscvc@gmail.com](mailto:adscvc@gmail.com)

[www.meruge.com](http://www.meruge.com)  
[geral@meruge.com](mailto:geral@meruge.com)



Recriação anual do “Ciclo do Pão”. Foto de Junta de Freguesia de Meruge, 2012.



Rota dos Artesãos. Foto de Associação Social e Cultural de Paredes do Rio, 2012.

### 3.15 PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DE PAREDES DO RIO

**P**aredes do Rio é uma das aldeias-museu do concelho de Montalegre, tendo na sua história tradições comunitaristas e práticas de associativismo. Foi quando um grupo de moradores da aldeia formou uma lista independente para se candidatar às eleições para a Junta de Freguesia, venceu as mesmas e se deparou com a escassez de recursos financeiros a que a Junta tinha acesso, que foi criada a Associação Social e Cultural de Paredes do Rio. Os principais objetivos da Associação tinham a ver

com a dinamização e a qualificação de recursos existentes no território e, simultaneamente, com o acesso a fundos comunitários específicos.

Visto que a Associação já dava, informalmente, apoio à população idosa, constituiu-se, mais tarde, como IPSS, prestando apoio domiciliário em Paredes do Rio e noutras localidades do concelho de Montalegre. Através das suas atividades, procura gerar valor social e financeiro para os seus associados e para a aldeia como um todo. O primeiro projeto desenvolvido foi uma recolha de provérbios e saberes, junto da população idosa, como forma de preservação desse património oral. Além disso, são também organizadas festas tradicionais, como a Festa (anual) do Porco Bísaro, a Segada e Malhada do Centeio e o Cantar dos Reis. Por ter o estatuto de Utilidade Pública,

a Associação obteve licença para a dinamização de desportos de montanha, em articulação com o Parque Nacional da Peneda-Gerês. Esta encontra-se filiada à Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal e tem vindo a desenvolver, neste âmbito, ações de formação, cursos de iniciação e workshops.

A Associação desenvolve uma atividade conhecida como a Rota dos Artesãos, que consiste num roteiro em que os visitantes observam os artesãos nos seus próprios ateliês. Tem, também, uma escola de música, a funcionar em regime semanal, onde é possível aprender a tocar instrumentos tradicionais. Outra das vertentes do trabalho desenvolvido tem a ver com a limpeza e a dinamização dos baldios existentes na aldeia, para além do fomento da produção local.

Na Associação Social e Cultural de Paredes do Rio, a participação é, essencialmente, de tipo informal, e decorre nos mais variados espaços. A Associação estabelece parcerias formais e informais (nomeadamente, de algum apoio técnico) com o Ecomuseu do Barroso e a Câmara Municipal de Montalegre, bem como com a Junta de Freguesia local. O estabelecimento destas parcerias e a abertura ao exterior são aspetos importantes da atividade desenvolvida.

Verifica-se, também, um investimento na recuperação de imóveis de interesse público, associados às atividades económicas tradicionais, como, por exemplo,

uma casa florestal, um conjunto de moinhos, um forno e alguns canastos privados, com a coparticipação dos proprietários.

#### CONTATOS:

ascparedesdorio@hotmail.com



Canastro. Foto de Associação Social e Cultural de Paredes do Rio, 2012.



Segada e Malhada do Centeio. Foto de Associação Social e Cultural de Paredes do Rio, 2012.



A matança do porco. Foto de Associação Social e Cultural de Paredes do Rio, 2012.



Jason Kahn em residência artística da obra "Windline". Foto de Luís Costa, 2009.

### 3.16 PROJETO "ALDEIAS SONORAS" BINAURAL - ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE NODAR

A Binaural – Associação Cultural de Nodar foi fundada em 2004 na aldeia de Nodar, concelho de São Pedro do Sul, a partir da iniciativa de uma família com raízes na região e com um historial profissional ligado à cultura contemporânea e à música experimental e erudita. Esta entidade promove a exploração e a pesquisa dos domínios da arte sonora, com especial ênfase na transversalidade de media e linguagens e na articulação entre a produção artística e o contexto social e natural envolvente. Com o apoio das comunidades locais,

este grupo impulsionador decidiu abraçar um projeto conjunto de promoção do desenvolvimento sociocultural de Nodar e das aldeias vizinhas, através de um trabalho de recolha documental (de saberes, tradições, canções, histórias, lendas, etc.) e de requalificação desses recursos, através de ações pedagógicas, de forma a registar e a promover o património imaterial da região. Para além do Nodar Rural Art Lab – um evento anual de experimentação

artística, científica e social, a Binaural/Nodar desenvolve diversas atividades de criação, produção, divulgação e pesquisa, entre as quais se inclui o Projeto "Aldeias Sonoras". Sendo a paisagem acústica um dos focos privilegiados de intervenção, este projeto consiste na gravação, edição e mapeamento do património acústico de aldeias rurais, em paralelo com o seu levantamento geográfico, histórico e sociocultural. Em parceria com escolas básicas e secundárias de três concelhos da região centro do país, o projeto visa despertar o interesse das crianças e dos jovens pelo tema dos sons nos diferentes ambientes rurais, dotando-os de conhecimentos ao nível das tecnologias de registo e edição de sons, e organização e distribuição de informação em suporte online.

Em 2011, a partir da proposta dos intervenientes, nomeadamente no segui-

mento do envolvimento de professores e alunos da Escola EB1 de Canelas (Arouca), é desenvolvida uma atividade de convívio intergeracional, na qual as crianças fazem o registo acústico e fotográfico das relações afetivas, suas e dos seus pares, com os respetivos avós. As produções e criações integraram o Festival Itinerante Paiva Scape, que percorreu o território ao longo do referido rio. Um dos aspetos fundamentais desta iniciativa tem a ver com o fomento de ligações afetivas, de sentimentos de proximidade e identificação, das populações, tanto urbanas quanto rurais, com o meio rural, nomeadamente através da exploração dos seus recursos naturais, paisagísticos, humanos e de lazer, para além de uma valorização da ligação entre a escola e o território.

A comunidade local é parte ativa do projeto, cuja atividade criativa assenta



Duncan Whitley em residência artística 2011. Foto de Carina Martins, 2011.

numa comunicação de proximidade com as pessoas, consistindo na documentação do património existente, que serve, depois, de base às obras artísticas desenvolvidas. É ainda de salientar o desdobramento do projeto inicial num projeto intermunicipal, envolvendo diversas escolas, bem como o envolvimento de crianças, professores, famílias, equipa técnica, órgãos de poder autárquico e artistas residentes.

**CONTATOS:**

www.binauralmedia.org  
info@binauralmedia.org



Joana Nascimento em residência artística da obra "Sim Lugares". Foto de Manuela Barile, 2009.



Lanche semanal partilhado pelo grupo de mulheres do Projeto "Fazendo e Aprendendo". Foto de Raquel Gonçalves, 2012.

### 3.17 PROJETO "FAZENDO E APRENDENDO"

O projeto "Fazendo e Aprendendo" é uma iniciativa informal que surgiu de um outro projeto de alfabetização, o "Taleigo de Saberes", que foi parte do PRÓ LOCAL, projeto do ICE, e teve como fator impulsionador o encerramento da Escola EB1 da Costa de Santo André, na aldeia de Brescos, concelho de Santiago do Cacém.

O encerramento da escola levou a Junta de Freguesia de Santo André a promover uma reunião, convidando as populações de Brescos e Costa de Santo André para debaterem a problemática do abandono do espaço. Surgiu assim a proposta para a dinamização do espaço a partir do desenvolvimento de atividades para pessoas idosas e reformadas, promovendo um lanche semanal e a realização de trabalhos manuais, com especial enfo-

que na costura a partir de reciclagem de roupas velhas.

O espaço foi cedido pela Junta de Freguesia, que passou a ser palco de atividades semanais regulares, para além de ser utilizado como local de armazenamento dos materiais necessários à realização das tarefas (máquinas de costura, matérias-primas e objetos produzidos), e como espaço de acolhimento de alguns eventos sazonais, como a Festa de Magusto e a produção de flores e ornatos para a Festa de São Romão, cuja revitalização foi protagonizada pelo grupo envolvido no projeto, em colaboração com a Junta de Freguesia.

Para além da revitalização da Festa de S. Romão e do festejo do Magusto, o grupo envolvido neste projeto tem tido igualmente um papel importante na re-



Manuela Barile em residência artística da obra "A Esposa". Foto de Carina Martins, 2011

cuperação e requalificação das tradições e do artesanato produzido na zona da Costa de Santo André pelas famílias dos pescadores. Neste âmbito, organiza-se um encontro com o intuito de potenciar o diálogo e a produção de artesanato.

O núcleo permanente deste projeto é composto por um grupo de onze senhoras reformadas e uma senhora em situação de desemprego. Em atividades mais pontuais ou de âmbito mais alargado, o grupo pode chegar às cinquenta pessoas. O sucesso desta iniciativa prende-se com fatores como: a participação do grupo (nomeadamente no lanche semanal, que é entendido como um espaço de convívio e entretenimento, e nas atividades promovidas com o apoio da Câmara Municipal, como a hidroginástica, os convívios e as viagens); a crescente articulação entre o grupo e outros atores locais; a capacidade de resposta a situações sentidas como problemáticas; e o reconhecimento por pessoas e organizações (auto e hetero reconhecimento) da mais-valia que as suas ações representam no contexto local. Para além disso, é ainda de salientar a rentabilização dos canais de comunicação e colaboração com outras entidades de relevo a nível local, como a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia, nomeadamente através do Projeto “Sénior Ativo”, que promove a saúde e o bem-estar de pessoas idosas no concelho.



Tapetes produzidos a partir da reciclagem de tecidos.  
Foto de Raquel Gonçalves, 2012.



Mulheres nos seus trabalhos manuais.  
Foto de Raquel Gonçalves, 2012.



Momento de descontração.  
Foto de Raquel Gonçalves, 2012.

**CONTACTOS:**

junta.freguesia@santoandre.pt



Atividades de Verão com crianças na Lagoa de Santo André.  
Foto de Quinta da Educação e do Ambiente (QEA), 2012.

### 3.18 QUINTA DA EDUCAÇÃO E DO AMBIENTE (QEA)

A Quinta da Educação e do Ambiente (QEA) é uma iniciativa desenvolvida na Reserva Natural das Lagoas de Santo André e da Sancha (RNLSAS), na aldeia de Brescos, concelho de Santiago do Cacém. A QEA surgiu através uma parceria entre o ICE, o ICNF - Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas, a Câmara Municipal de Santiago do Cacém e a Junta de Freguesia de Santo André. Esta iniciativa visa sensibilizar os alunos e a comunidade local para a preservação da RNLSAS, através de atividades de desenvolvimento local no domínio da educação, da cultura e da investigação científica e ambiental; da implicação das comunidades envolvidas na promoção do conhecimento, do reconhecimento e da valorização do local; da estimulação do interesse

pelos aprendizados num contexto integrado e integrador das crianças; da promoção do respeito pelo património natural; e da preservação e valorização do património cultural e das atividades tradicionais.

A QEA tem, na sua origem, o trabalho realizado pelas escolas envolvidas no projeto Escolas Rurais, do ICE, iniciado em 1990 no Alentejo litoral. Este projeto consistiu na organização das escolas isoladas em pequenos núcleos de base territorial e na dinamização de “Dias Diferentes”, através de encontros entre crianças provenientes de diferentes escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico e Jardins de Infância e com o envolvimento das comunidades locais. No âmbito das atividades desenvolvidas



Horta dos Cheiros e dos Sabores - aulas de campo.  
Foto de QEA, 2012.

por este Projeto no concelho de Santiago do Cacém, surgiu uma plataforma constituída por escolas, juntas de freguesia e associações locais, através da qual foram criados outros projetos que deram origem a polos permanentes de desenvolvimento. Nesse sentido, no ano 2000, o Monte do Paio, junto à Lagoa de Santo André, foi recuperado, tornando-se o polo dinamizador de Educação Ambiental da RNLSAS e de apoio ao desenvolvimento da iniciativa QEA.

A QEA é constituída pelo Centro de Interpretação do Monte do Paio; pelo Centro de Acolhimento para o alojamento de visitantes; pelo Centro Experimental, que engloba a oficina de produção de materiais e o laboratório, a horta dos cheiros e dos sabores, a Casa da Amassaria e o Forno do Pão, os estábulos, o galinheiro, a pocilga, a eira e a adega; pelo Centro de Documentação e pelo Observatório. Valorizando também os espaços exteriores, nomeadamente os da escola e os da comunidade, esta iniciativa inclui aulas

de campo, exploração em sala de aula e trabalhos em oficinas. Das aprendizagens realizadas pela QEA fazem parte a observação, o registo, a experimentação e a investigação, em torno do património ambiental e cultural, tendo em vista a promoção de uma cidadania ativa junto das crianças e de todos os que a visitam e participam nas atividades.

A Quinta da Educação e do Ambiente é um espaço de lazer e de aprendizagem assente na transmissão, na produção e na reconstrução de conhecimentos relacionados com o património natural e paisagístico existente no território, especialmente na RNLSAS. As crianças participam em atividades educativas que relacionam o saber e o saber-fazer, a teoria e a prática e a cultura escolar e a cultura do quotidiano, desenvolvendo assim atitudes e hábitos positivos de relação com os outros e com a Natureza. A QEA constitui assim um contexto e agente promotor de uma cidadania ativa relacionada com o ambiente e a cultura.

#### CONTATOS:

[www.iceweb.org](http://www.iceweb.org)  
[ice.brescos@gmail.com](mailto:ice.brescos@gmail.com)



Centro Experimental da QEA - Oficina de Produção de Materiais e Laboratório. Foto de QEA, 2012.



"Já se imaginou a ser pastor por um dia?" - Rota dos Pastores. Foto de Raquel Gonçalves, 2012.

### 3.19 ROTA DOS PASTORES COOPERATIVA TERRA CHÃ

A Rota dos Pastores é um percurso temático dinamizado pela Cooperativa Terra Chã, sediada na aldeia de Chãos, concelho de Rio Maior, que permite experienciar o trabalho dos pastores na Serra de Candeeiros aos visitantes, turistas e grupos de jovens que, durante um dia, fazem uma caminhada pela serra, guiadas pelo pastor que conduz diariamente cerca de 170 cabras do rebanho comunitário da aldeia.

Esta iniciativa é promovida pela Cooperativa Terra Chã, criada em 2001.

Esta cooperativa multi-setorial é constituída pelas secções de Artesanato, Restauração e Alojamento, Apicultura, Turismo de Natureza e Silvo-pastorícia e Ambiente. A secção da Silvo-pastorícia e Ambiente, na qual se baseia a Rota dos Pastores, surgiu da identificação de problemas associados ao abandono das práticas agrícolas e do pastoreio de rebanhos na serra, aos fogos florestais e à perda da biodiversidade com o apa-

recimento de espécies ameaçadas como a gralha-de-bico-vermelho. Esta secção pretende ainda promover a economia local e a preservação e conservação das raças autóctones da região, nomeadamente a cabra de raça serrana eco-tipo ribatejana.

A Rota dos Pastores surge da identificação destes problemas, tendo levado, em 2009, à criação de uma dinâmica de envolvimento da comunidade no seu próprio processo de desenvolvimento, através da discussão, em conjunto, de novas formas de intervenção no território serrano. De referir que a secção Silvo-pastorícia e Ambiente se articula com as restantes secções de atividade da Cooperativa Terra Chã. Por exemplo, relativamente à secção Restauração e Alojamento, na Rota dos Pastores, o saco da merenda para o lanche é produzido na Oficina de Tecelagem Terra Chã e o almoço é confeccionado no restaurante, estabelecendo-se assim uma relação com o artesanato e com a produção local do pão, da broa, do chouriço, do mel, do queijo, etc. Os visitantes têm ainda a possibilidade de ficar hospedados no Centro de Alojamento. Esta iniciativa contribui para a diminuição do número e do impacto dos fogos florestais e para a conservação da biodiversidade, tendo ainda um impacto socioeconómico, com a criação de emprego e a dinamização do turismo e do comércio local. A partir desta

Rota, as pessoas podem também adquirir produtos alimentares e outros na loja da Cooperativa. Esta lançou recentemente o queijo “Terra Chã Natur” a partir do leite produzido pelas cabras do rebanho comunitário.

A Rota dos Pastores constitui uma iniciativa local que evidencia a cooperação e a conjugação de esforços da população na procura de soluções coletivas para problemas que afetam profundamente a região, designadamente, incêndios florestais e perda de *habitat* natural.

Os recursos disponíveis no território são valorizados para a recuperação da biodiversidade, nomeadamente, a proteção de espécies em vias de extinção e a preservação de raças autóctones. Como parte de um processo integrado de desenvolvimento local, a Rota dos Pastores contribui também para a preser-

vação e valorização do património material e imaterial, através da recriação das histórias do lugar e dos saberes dos pastores, bem como da recuperação de tradições antigas, ligadas aos saberes, às memórias e às atividades e técnicas de produção local.

#### CONTATOS:

[www.cooperativaterracha.pt](http://www.cooperativaterracha.pt)  
[geral@cooperativaterracha.pt](mailto:geral@cooperativaterracha.pt)



Visitantes percorrem a rota dos pastores.  
Foto de Raquel Gonçalves, 2012.



Pausa para a merenda típica do pastor - broa, chouriço e queijo "Terra Chã Natur".  
Foto de Raquel Gonçalves, 2012.



O projeto atrai visitantes, estudantes e investigadores. Foto de Raquel Gonçalves, 2012.



O pastor mais velho da aldeia. Foto de Raquel Gonçalves, 2012.



Companhia de Teatro Regional da Serra do Montemuro.  
Foto de Teatro Regional da Serra do Montemuro, 2012.



Em palco. Foto de Teatro Regional da Serra do Montemuro, 2012.



Interação com o público. Foto de Teatro Regional da Serra do Montemuro, 2012.

### 3.20 TEATRO REGIONAL DA SERRA DO MONTEMURO

A companhia de Teatro Regional da Serra do Montemuro nasceu no seio da Associação do Fôjo, sediada na aldeia de Campo Benfeito, com o objetivo de fomentar o desenvolvimento socio-cultural da região a partir de projetos artísticos ligados à cultura e ao teatro. Neste território, a tradição teatral remonta à década de 1980. A Companhia é atualmente constituída por sete pessoas, e conta com diversos colaboradores, nacionais e estrangeiros (atores, atrizes, cenógrafos, dramaturgos, encenadores), caracterizando-se pela sua itinerância em digressões nacionais e internacionais. O Festival Altitudes é uma das iniciativas chave desenvolvidas por esta Companhia, que teve início em 1998 com

um encontro de intercâmbio entre companhias de teatro, realizando-se anualmente no mês de Agosto. A Companhia assegura uma programação regular, os “Serões na Serra”, e desenvolve ações de formação no âmbito do Teatro do Oprimido; dinamiza projetos educativos com crianças num formato de espetáculos-ateliês nas escolas e organiza visitas de estudo ao Espaço Montemuro (espaço criado em 2001 para albergar a Companhia de teatro e o Festival Altitudes), acolhendo escolas do distrito de Viseu para assistirem a um espetáculo e participarem em workshops. A Companhia do Teatro Regional da Serra do

Montemuro tem tido um papel importante na valorização dos recursos imateriais do território. O grupo fundador tem assumido como objetivo tomar parte no processo de desenvolvimento cultural, social e económico da região, o que se reflete nos textos que levam à cena, e que expressam, em grande medida, as preocupações e as realidades da vida atual, nomeadamente no meio rural.

O grupo de teatro tem uma ligação muito próxima com a comunidade, sendo a forma de vida das pessoas da aldeia a sua principal fonte de inspiração, verificando-se, por isso, uma significativa interação com o público. Por ocasião do Festival Altitudes é frequente a utilização de espaços públicos e privados para a dinamização de algumas atividades. O teatro não é encarado apenas como espetáculo, pois promove o envolvimento das pessoas, que assumem, em diversas atividades, um papel ativo e não de meros espetadores.

Durante o ano, são organizadas atividades de convívio entre os membros do grupo de teatro e a comunidade, com o objetivo de combater o isolamento das pessoas. Estes momentos de convívio são serões abertos, nos quais é realizada uma atividade que pode consistir numa peça de teatro, no contar de histórias, na projeção de vídeos, na realização de jogos tradicionais ou na organização de pequenas palestras. O aumento do número de iniciativas e a sua internacionalização, quer pela integração na programação de grupos de estruturas estrangeiras, quer pelo número de turistas europeus que todos os anos visitam o Festival Altitudes, são reveladores do dinamismo gerado por esta iniciativa.

#### CONTATOS:

[www.teatromontemuro.com](http://www.teatromontemuro.com)  
[www.teatrodomontemuro.blogspot.pt](http://www.teatrodomontemuro.blogspot.pt)  
[t.montemuro@gmail.com](mailto:t.montemuro@gmail.com)



Em palco. Foto de Teatro Regional da Serra do Montemuro, 2012.

# 4

---

## REFLEXÕES FINAIS

Este Guia de Boas Práticas apresenta um conjunto de iniciativas de desenvolvimento local em meio rural identificadas no âmbito do Projeto “À Descoberta do Mundo Rural”. Estas reflexões finais não dispensam, por isso, uma clarificação relativamente aos próprios conceitos de “desenvolvimento local” e de “mundo rural”.

A abordagem do Desenvolvimento Local (DL) surgiu, sobretudo a partir dos anos de 1970, como alternativa, teórica e prática, à concepção dominante de desenvolvimento vinculada historicamente ao processo de industrialização e urbanização das sociedades e a uma perspetiva que tende a reduzir o conceito à vertente do crescimento económico. Procurando reintroduzir o humano nos processos de desenvolvimento, a abordagem do DL apoia-se em três princípios fundamentais (Vachon, 1993):

- O desenvolvimento não resulta apenas da função nem do valor económico das atividades de organização social dos indivíduos;
- O desenvolvimento não diz respeito somente aos grandes sistemas macroeconómicos e às instituições centralizadas, estando também largamente ligado às microiniciativas, que não se limitam ao domínio económico;
- A pessoa e a coletividade onde está inserida constituem a potencial alavanca do desenvolvimento, através da capacidade dos indivíduos de agirem enquanto cidadãos, contrariando a visão sobrevalorizada das possibilidades tecnológicas.

Não sendo possível incluir neste Guia muitas outras iniciativas que se inspiram e concretizam os princípios do DL, considerou-se que os exemplos nele apresentados poderão contrariar a imagem negativa que a concepção dominante de desenvolvimento gerou relativamente ao mundo rural e que tem conduzido à sua quase extinção.

O Projeto “À Descoberta do Mundo Rural” mostra que este tem sobrevivido ao despovoamento e ao desinvestimento de que tem sido alvo por parte dos poderes públicos centralizados e, além disso, tem sido palco de dinamismos vários, enraizados no território e alimentados pelos atores locais, que têm levado à sua revitalização e requalificação. Embora o que resta do antigo mundo rural não constitua uma alternativa à lógica do mercado, corresponde à sobrevivência de ilhas sociais com características anteriores à modernidade que funcionam como depositárias de valores e modos de vida (a recusa da lógica de acumulação, a valorização do ócio, a forte integração comunitária), que se podem constituir como um contraponto à lógica dominante e uniformizadora (Canário, 2000). Este contraponto passa pela defesa e pela valorização da biodiversidade dos territórios rurais, considerando-os não apenas visitáveis por turistas, mas sobretudo habitáveis pelos cidadãos que neles querem viver.

Neste sentido, o mundo rural é, além de um espaço de memórias, um espaço

de vivência e de experimentação de práticas de tipo-novo e, como tal, portadoras de futuro. Por isso, em alternativa à tradicional dicotomia rural/urbano, sugerimos duas lógicas em confronto que revelam olhares distintos sobre o mundo rural: a lógica dos territórios em declínio, onde as redes de relações e a circulação das ideias são muito reduzidas, onde se cultiva o negativo, a passividade e onde o futuro é encarado como predeterminado pelos constrangimentos exteriores; e a lógica dos territórios, onde existe uma outra concepção do indivíduo, onde há investimento intelectual e material no futuro, onde se põem em prática redes de relações mais amplas do que o território local, onde há troca e abertura ao exterior (Jean, 1998).

É nestas perspetivas que assentam os pressupostos de uma intervenção em meio rural orientada para a sua defesa, promoção e requalificação, da qual o Projeto “À Descoberta do Mundo Rural” constitui um bom exemplo. Destes pressupostos, salientam-se:

- O reconhecimento da falsa dicotomia rural/urbano, na medida em que enfrentamos problemas que implicam a transformação da estrutura societária no seu conjunto;
- A necessidade de pensar global agindo localmente, tendo em conta que a globalização que caracteriza a nossa sociedade e que é responsável pela crise que nos atinge, só pode ser contrariada através de um local que se globalize;
- A consciência de que não se pretende reconstituir o passado, mas reconfigurar o presente, dotando o local de um futuro sustentável e aprazível;
- A possibilidade de lutar pelo direito ao lugar enquanto direito inalienável de viver num lugar dotado de qualidade e não num lugar abandonado;
- A constatação de que o mundo rural é heterogéneo, constituindo a sua diversidade, a nível económico, cultural, social e ambiental, a sua maior riqueza;
- O reconhecimento de que um projeto ou iniciativa pode incidir predominantemente numa área (social, económica, cultural, educativa, ambiental, turística, etc.), mas é a sua transversalidade que configura um processo integrado de desenvolvimento;
- A concepção do próprio processo de desenvolvimento como um

processo de aprendizagem coletiva, por via da partilha de saberes e da participação em ações e decisões orientadas para o bem comum;

- O entendimento de que uma iniciativa ou um projeto é um processo único que se constrói com as pessoas concretas, envolvendo relações e interações contextualizadas, não sendo por tanto passível de replicação;
- A constatação da resiliência do mundo rural, apesar das dificuldades que o atravessam, baseada na vontade e na capacidade de iniciativa dos seus habitantes.

No âmbito do Projeto “À Descoberta do Mundo Rural” foram percorridos vários territórios em diferentes regiões do país e estabelecidos contatos com atores locais envolvidos em processos de desenvolvimento local, nomeadamente Associações, Cooperativas, Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), autarquias e grupos informais. Com base na observação participante, na escuta e no relacionamento próximo e informal com estes atores, foi possível identificar um conjunto de iniciativas com diferentes origens, finalidades e âmbitos, as quais são elucidativas das dimensões de análise referenciadas no ponto 2 deste Guia (quadro concetual). As dimensões de análise foram as seguintes:

#### **a) A participação das pessoas**

Nas várias iniciativas é visível a participação ativa das pessoas na sua realização e vivência, enquanto sujeitos de cidadania e não meros espetadores e/ou consumidores. É esta dimensão participativa que confere sentido ao desenvolvimento, constituindo-se a própria participação na tomada de decisões como um processo de aprendizagem coletiva. Frequentemente, as iniciativas têm origem em dinâmicas informais que posteriormente se organizam em entidades coletivas. Com efeito, as vinte iniciativas têm origens diversas, mas todas revelam a capacidade de ação e de mobilização de associações, cooperativas, IPSSs, autarquias, grupos de mulheres, jovens, agricultores, etc. As pessoas são envolvidas ou envolvem-se por iniciativa própria em processos de tomada de decisão sobre assuntos que lhes dizem respeito, individual e coletivamente. As dinâmicas participativas são visíveis, também, ao nível das parcerias locais, no plano informal e institucional, quer em processos de cooperação entre cidadãos e entre estes e os serviços e instituições locais, quer em parcerias constituídas entre serviços públicos, coletividades, produtores

agrícolas, comerciantes, autarquias e associações de desenvolvimento local. De salientar ainda a importância da participação de voluntários, jovens e adultos, em iniciativas que visam promover a cidadania e a solidariedade junto de populações mais vulneráveis, assim como a criação de espaços de sociabilidade, lazer e convívio que contrariam o isolamento de pessoas, grupos e comunidades do mundo rural.

#### **b) A valorização das memórias e histórias do lugar**

A valorização das memórias e histórias do lugar não se reduz à sua preservação ou revitalização, inserindo-se sobretudo numa lógica de requalificação. Ou seja, as memórias e histórias do lugar põem os atores locais em movimento, gerando iniciativas de tipo-novo. São exemplos: a requalificação do artesanato local, de técnicas de produção agrícola, dos ciclos da lã, do linho e do pão, de danças e cantares, de festas populares, de uma banda de música, entre outros. De referir o importante papel da partilha de conhecimento entre gerações, bem como dos espaços de formação criados no âmbito de diversas iniciativas, nomeadamente: uma escola de artesanato, com o objetivo de recuperar e ensinar a cultura do linho; uma escola de fumeiro e uma cozinha tradicional para a aprendizagem do processo de transformação e produção artesanal de enchidos e compotas; uma escola de música que envolve os jovens da região; cursos de formação promovidos pela autarquia local ou pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional que valorizam os saberes locais; oficinas de produção de materiais e pequenos laboratórios que envolvem crianças em atividades lúdicas, artísticas, de educação ambiental, etc. O mesmo se pode dizer em relação à criação de museus que contribuem para a preservação e promoção do património (material e imaterial) do território, recriando e dando a conhecer tradições relacionadas com a agricultura, a gastronomia e o artesanato. A conjugação da tradição e da modernidade, aliada à recuperação dos teares e à produção de vestuário artesanal com o apoio de estilistas, assim como a utilização de tecnologias para a gravação, edição e mapeamento dos sons das aldeias, são bons exemplos de iniciativas que visam a requalificação do lugar, através da inovação, da criatividade e da abertura ao exterior.

#### **c) A capacidade de pensar em conjunto sobre as dificuldades e procurar novas formas de melhorar o território**

A capacidade de pensar em conjunto sobre as dificuldades e procurar novas

formas de melhorar o território está patente na própria criação de associações, cooperativas e parcerias locais e em iniciativas ligadas à agricultura, ao ambiente, à gastronomia, ao turismo, à cidadania, às artes e à solidariedade social. Por exemplo, a comercialização de cabazes com produtos hortofrutícolas contribuem para a sensibilização das pessoas para um consumo mais consciente; a criação de percursos temáticos, como a “Rota dos Pastores”, evidencia a conjugação de esforços da população na procura de soluções para alguns problemas que afetam a região, como os incêndios florestais e a perda da biodiversidade; a produção de dramatizações (teatro) com textos sobre as realidades do meio rural e a ação itinerante revelam a possibilidade de realização de atividades de cariz social e cultural de forma descentralizada, contextualizada e mais próxima das pessoas; a criação de empresas de inserção e de uma “loja solidária”, proporcionando apoio (alimentos, vestuário e ajudas técnicas como camas articuladas e cadeiras de rodas) a pessoas em situação de vulnerabilidade social, dá corpo aos valores da solidariedade, da cidadania e da dignidade humana; as lojas de produtos regionais ligadas à gastronomia e ao artesanato constituem uma oportunidade de escoamento dos mesmos e potenciam a economia local. Em todos os casos, estas iniciativas contribuem para a sustentabilidade social e ambiental, através da auto-organização da população, do fomento do turismo rural, da criação de emprego, da fixação dos jovens e do aumento do rendimento para os pequenos produtores organizados em rede. Em suma, a procura da descoberta do novo pelos agentes do território incorpora aspirações compartilhadas pelo conjunto, o que implica a mobilização, a ação e a proposição de soluções por parte de todos os intervenientes, visando o bem comum.

#### **d) A valorização dos recursos (naturais, culturais, humanos, materiais e imateriais) disponíveis no território**

A valorização dos recursos disponíveis no território é transversal às várias iniciativas, sendo a recuperação e a requalificação do património o aspeto mais visível. Pode referir-se, a título de exemplo, a recuperação de instalações de antigas escolas primárias pelos habitantes da aldeia e/ou por associações e autarquias com várias finalidades (sede da associação, espaços de convívio e lazer), assim como do edifício de uma antiga estação de caminhos de ferro, onde foi criada uma empresa de inserção com um impacto importante na criação de emprego. Além disso, a recuperação deste património é vista de forma muito positiva pela população,

quer pelas memórias a ele associadas quer pela função inovadora que passa a desempenhar. De salientar também as repercussões socioeconómicas, culturais, ambientais e paisagísticas que decorrem da requalificação de moinhos, canastos, fornos comunitários, teares, uma casa florestal, etc., aliando a sua função tradicional à promoção da gastronomia, do artesanato, do alojamento, do comércio e do turismo rural. Considerando não apenas o património material, mas também os recursos naturais, culturais, humanos e paisagísticos, as iniciativas demonstram a sua valorização através, por exemplo, da utilização de matérias-primas e produtos existentes no território, da aprendizagem que crianças e adultos fazem na interação com o ambiente, da constituição de equipas multidisciplinares que intervêm junto das famílias e das comunidades; na integração de serviços e valências (lar, centro de dia, apoio domiciliário, creche). Assim, são valorizados os aspetos positivos do meio local, passando de uma perspetiva do “défice”, frequentemente atribuída ao meio rural, para uma lógica de (auto)reconhecimento das potencialidades dos territórios e das pessoas que neles vivem.

#### **e) A democraticidade das decisões**

As iniciativas de desenvolvimento local no mundo rural contribuem para a sua defesa e promoção, sendo catalisadoras do envolvimento dos cidadãos e da democracia participativa com vista à construção compartilhada de visões de futuro a partir do encontro das aspirações e expectativas dos próprios agentes. Induzir mudanças é sempre um ato político, na medida em que a intervenção local está relacionada com mudanças da política de uma autarquia, de uma associação e até do próprio governo, implicando a definição e/ou reorientação das suas linhas de ação. Algumas iniciativas revelam mais claramente esta dimensão política, promovendo a cidadania através da realização de reuniões com os participantes das iniciativas e do envolvimento de outros atores locais nas reuniões dos órgãos sociais das associações. Deste modo, a democraticidade está inerente, simultaneamente, à participação das pessoas (funcionários, associados, dirigentes e outros) nos processos de reflexão e tomada de decisão sobre assuntos relativos às suas condições sociais e opções de vida e à promoção da democracia no seio das próprias organizações.

Terminada esta reflexão sobre as iniciativas incluídas neste Guia, importa referir que o Projeto “A Descoberta do Mundo Rural” dá um contributo importante para a compreensão e o conhecimento dos dinamismos locais em meio rural, mas não considera terminado o trabalho a realizar para a identificação e visibilidade de muitas outras que estão em movimento por todo o país. Neste sentido, o ICE e a ANIMAR propõem-se favorecer a sua continuidade, fortalecendo laços e sinergias entre os mais diversos atores e tornando cada vez mais visíveis as variadas iniciativas que animam e dinamizam o mundo rural em Portugal. Os resultados do projeto pretendem ser, assim, o início de um trabalho de intervenção-investigação que se pretende mais longo no tempo, mais alargado no espaço e mais aprofundado no conhecimento produzido.

# 5

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Canário, R. (2000). “A escola no mundo rural. Contributos para a construção de um objeto de estudo.” In Revista *Educação, Sociedade e Culturas*, 14: 121-139

Jean, Y. (1998). “Revoir nos représentations”. In *Les Cahiers Pédagogiques*, 365: 22-24.

Vachon, B. (1993). “Le Développement Local: Théorie et Pratique”. Ed. Gaetan Morin, Paris.

[www.descobertadomundorural.com.pt](http://www.descobertadomundorural.com.pt)

#### ANIMAR

Associação Portuguesa para  
o Desenvolvimento Local

Rua Antero de Quental  
Edifício Ninho de Empresa  
Bairro Olival de Fora,  
2625-640 - Vialonga

tel.: +351 219 527 450  
[animar@animar-dl.pt](mailto:animar@animar-dl.pt)  
[www.animar-dl.pt](http://www.animar-dl.pt)

#### ICE

Instituto das  
Comunidades Educativas

Rua de Almada, Loja 2  
Manteigadas  
2910-227 Setúbal

tel.: +351 265 783 006  
[alternativa.ice@gmail.com](mailto:alternativa.ice@gmail.com)  
[www.iceweb.org](http://www.iceweb.org)

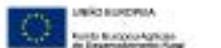
PARCEIROS:



FINANCIADO POR:



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA,  
DO MAR, DO AMBIENTE  
E DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO



o Financiado beneficia mais com o mundo

ISU ISBN: 978-989-95386-7-2